

Semente que brota do quilombo

MARCIELE NERES DE JESUS

intransitiva
• revista

CICATRIZES DA CONTEMPORANEIDADE (V. 5, N. 1, 2021)

Semente que brota do quilombo

Marciele Neres de Jesus

Em versos registro
de onde sou,
meus sonhos e as lutas
que o meu povo passou.



Meu nome é Marciele,
graduada em Pedagogia,
um sonho que se realizou
dia após dia.

Sou da Comunidade Quilombola Boi,
localizada na Bahia, no município de Pindaí.
O povo que lá reside é fruto
dos seus ancestrais que viveram ali.

Depois de lutas e resistências,
deram-nos a certificação.
Tenho orgulho de ser negra
e de representar minha geração.



Falavam que no Boi só tem doido,
gente que não presta e ladrão,
meu povo foi chamado assim
por essa gente sem coração.

Minha avó e outras pessoas foram escravizadas,
trabalharam em troca de alimento,
lutaram para sobreviver,
passaram fome e dormiram no relento.

As pessoas das outras comunidades
humilhavam a nossa gente,
se achavam superiores
e melhores que a gente.

No Boi não tem doido,
nem gente que não presta, nem ladrão.
Isso é fruto do preconceito,
racismo e ingratidão.



Morar no Boi é ruim,
assim fizeram acreditar.
Por conta disso muitos quilombolas
negavam que vieram de lá.

Roubaram a identidade dessa população,
fizeram-nos se envergonhar
de ser quem são.

O tempo passou, as coisas foram mudando,
negras ingressaram no Ensino Superior
e a realidade desse povo
foi se transformando.

No Boi tem culturas
que merecem valorização,
a nossa cor é o nosso orgulho,
não é motivo para humilhação.

Na escola só me conheciam
no mês de novembro.
Eu existo todos os dias,
da sociedade sou um membro.

Sou cidadã,
vivo nas senzalas da sociedade,
aos poucos estou adentrando a casa grande
e conseguindo a liberdade.

Estamos na luta,
dia após dia,
em busca de reconhecimento,
respeito e melhoria.

Consegui entrar na universidade,
entrei pelas cotas, sim!
Alguns dizem que foi por falta de capacidade.
O quê? Como assim?

Minha capacidade
independe da minha cor,
tenho orgulho de ser preta
e isso não me torna inferior.

O sistema de cotas na universidade
é o mínimo que puderam fazer,
depois de anos de escravidão
que fizeram o meu povo sofrer.



Pessoas foram escravizadas
por outras pessoas também,
apenas pela cor da pele,
graças aos ditos cidadãos de bem.

Enquanto houver racismo,
desigualdade e discriminação,
é sinal de que na sociedade
ainda existe escravidão.

Respeite a minha história,
veja quem eu sou!
Sou semente que brota do quilombo,
para crescer, dar frutos e amor.

Conheço o meu potencial,
não me olhe com inferioridade.
Sou preta, linda e bela
e tenho sim capacidade.

Chega de contar a nossa história
segundo o seu entendimento!
Temos voz e queremos vez para mostrar
o nosso empoderamento.

Por tudo que consegui até aqui,
batalhei desde pequena.
Minhas lutas e conquistas,
tudo valeu a pena.

Vamos dar as mãos sem olhar a cor,
lutar por um Brasil de igualdade de direitos
e deveres, sem racismo e sem dor.



A esperança prevalece
dentro do meu coração,
que possamos um dia
todos estender a mão,
para ajudar ao próximo
independente da cor,
orientação sexual ou religião.



Ilustrações de David Fancisco dos Santos

Sobre a autora

Mariele é pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) — Campus XII. É mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).